

As Contribuições Da Formação Continuada Em Saúde Para Os Profissionais Atuantes Em Unidades De Terapia Intensiva (UTI's): Um Estudo Qualitativo

Renata Nery Andrade
Unihorizontes

Ivan Alcântara Brito
Instituto De Teologia Aplicada

Jordanna Moraes Rolim Queiroz
Faculdade Cosmopolita

Reinaldo Curi Nogueira Junior
UNIRIO

Aldenice Leite De Lima Maciel
IFPE

Diogo Felipe Dos Santos Tobias
Universidade Gama Filho

Fernanda Coimbra Lício
UFTM (Universidade Federal Do Triângulo Mineiro)

Tiago Henrique Vargas Oliveira
Instituto Master De Ensino Presidente Antônio Carlos De Araguari- MG

Jessica De Sousa Vale
Centro Universitário Faema

Josimá Lima Oliveira
Centro Universitário Vale Do Cricaré

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições da formação contínua para os profissionais que atuam em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), destacando seus benefícios, desafios e impactos na prática profissional e na segurança do paciente. A pesquisa foi de natureza exploratória, com abordagem qualitativa, e envolveu uma amostra de vinte profissionais de uma UTI, selecionados por conveniência. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas em profundidade, e a análise dos dados seguiu a técnica da análise do discurso. Os resultados mostraram que, embora a formação contínua seja considerada essencial para a atualização dos conhecimentos e para a melhoria do cuidado ao paciente, a falta de tempo devido à carga de trabalho intensa foi apontada como uma das principais barreiras para a participação em cursos de qualificação. Os profissionais destacaram que os cursos de educação à distância têm sido uma alternativa viável, mas enfatizaram a necessidade de maior foco prático e personalizado nos conteúdos. A formação contínua também foi associada à melhoria na segurança do paciente, maior motivação e satisfação profissional, além de contribuir para a gestão do estresse e aprimoramento da comunicação com pacientes e familiares. Conclui-se que a formação contínua é fundamental para a qualidade do atendimento nas UTIs, sendo necessário o apoio institucional para viabilizar a participação dos profissionais, além de uma maior adaptação dos programas de formação às demandas específicas do ambiente de UTI.

Palavras-chave: *Formação contínua; UTI; Saúde.*

Date of Submission: 01-12-2024 Date of Acceptance: 10-12-2024

I. Introdução

A formação contínua é um conceito central na evolução das práticas profissionais, especialmente em áreas de alta complexidade, como as Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). Nos últimos anos, a necessidade de aprimoramento constante das habilidades dos profissionais de saúde tem se tornado uma prioridade, dado o rápido avanço das tecnologias médicas, a crescente demanda por cuidados de saúde de alta qualidade e a complexidade dos casos tratados nesses ambientes. A UTI, um dos setores mais críticos dos hospitais, exige que seus profissionais estejam em constante atualização para garantir a sobrevivência e o bem-estar dos pacientes em estado grave. A formação contínua, nesse contexto, não se limita apenas ao aprendizado teórico, mas também à atualização de práticas clínicas, uso de novas tecnologias e aprimoramento das habilidades interpessoais (Ferreira et al., 2019).

No cenário das UTIs, onde a pressão emocional e a alta carga de trabalho são constantes, a formação contínua vai além da simples necessidade de manter os conhecimentos técnicos atualizados. Ela também tem um impacto direto na saúde mental e emocional dos profissionais, ao oferecer oportunidades para a reflexão, troca de experiências e melhoria das competências comunicativas. Essa formação se reflete em um cuidado mais humanizado e eficiente, crucial para o atendimento a pacientes em estado crítico, que exigem intervenções rápidas, precisas e muitas vezes complexas. Além disso, a melhoria nas práticas clínicas resulta em melhores resultados para os pacientes, o que reforça a importância da formação contínua para a qualidade do atendimento nas UTIs (Godoy; Guimarães; Assis, 2014).

A formação contínua nas UTIs pode ser estruturada de diversas formas, incluindo cursos de atualização, programas de educação à distância, workshops, seminários e treinamentos práticos. Esses programas geralmente abordam uma ampla gama de tópicos, desde novas diretrizes de tratamento, uso de equipamentos avançados, até estratégias de manejo de situações de emergência. Além disso, há uma crescente ênfase no desenvolvimento de competências interpessoais, como comunicação eficaz com pacientes e familiares, trabalho em equipe e gestão do estresse. Esses aspectos são fundamentais para a criação de um ambiente colaborativo, em que todos os membros da equipe de saúde trabalham de maneira integrada e eficiente (Silva; Rodrigues; Nunes, 2017).

Em termos de impacto, a formação contínua contribui significativamente para a diminuição de erros médicos, aumento da eficiência na tomada de decisões e promoção de práticas baseadas em evidências. A complexidade dos casos tratados nas UTIs exige que os profissionais estejam bem preparados para lidar com diversas situações clínicas e intervenções de alta especialização. A capacitação regular não só proporciona os conhecimentos necessários para lidar com novas tecnologias, mas também prepara os profissionais para lidar com os desafios éticos e emocionais que surgem no atendimento intensivo (Menezes et al., 2019).

A educação contínua, portanto, é um mecanismo fundamental para a qualidade do atendimento, a redução de falhas no processo de cuidado e a segurança do paciente. No entanto, a efetividade da formação contínua depende de vários fatores, como a adesão dos profissionais aos programas de atualização, a qualidade do conteúdo oferecido e a aplicabilidade prática do que é aprendido. Para que a formação seja realmente eficaz, ela deve ser integrada ao cotidiano dos profissionais, permitindo que os conhecimentos adquiridos possam ser diretamente aplicados na prática clínica. Dessa forma, os profissionais das UTIs podem melhorar seus desempenhos e oferecer cuidados mais seguros e eficazes (Souza; Lima, 2015).

O papel das instituições de saúde, portanto, é fundamental para criar um ambiente propício à educação continuada, com investimento em infraestrutura, tempo e recursos para possibilitar essa formação. O objetivo desta pesquisa é analisar as contribuições da formação contínua para os profissionais que atuam nas Unidades de Terapia Intensiva, destacando como essa prática impacta a qualidade do atendimento prestado, a segurança do paciente e o desenvolvimento profissional (Ferreira et al., 2019).

Assim, a pesquisa busca compreender os benefícios diretos dessa formação para os profissionais de saúde, investigando também as estratégias educacionais mais eficazes e os desafios enfrentados pelos profissionais para manter-se atualizados diante das constantes mudanças e inovações no campo da saúde intensiva. Além disso, a pesquisa pretende identificar lacunas e oportunidades de aprimoramento nos programas de formação contínua, sugerindo formas de maximizar seu impacto.

Com o crescente avanço das tecnologias e a sofisticação dos tratamentos intensivos, garantir que os profissionais estejam adequadamente treinados não é apenas uma questão de competência técnica, mas de ética e responsabilidade no cuidado aos pacientes. A pesquisa tem a importância de contribuir para o desenvolvimento de práticas educacionais mais eficazes, que possam ser aplicadas em contextos reais e melhorar tanto o desempenho profissional quanto a qualidade do atendimento nas UTIs. Além disso, ao identificar os desafios enfrentados pelos profissionais e as possíveis lacunas na formação contínua, a pesquisa pode servir como base para a construção de políticas de saúde mais eficazes, com foco na educação e no bem-estar dos profissionais de saúde.

II. Materiais E Métodos

A pesquisa foi realizada com o objetivo de explorar as contribuições da formação contínua para os profissionais que atuam nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), com foco nas suas percepções sobre a importância da atualização constante de seus conhecimentos e práticas. Trata-se de uma pesquisa exploratória, pois busca investigar um tema que ainda apresenta lacunas na literatura, principalmente no que diz respeito às especificidades e impacto da formação contínua em ambientes críticos como a UTI. Ao adotar esse tipo de pesquisa, foi possível identificar novas questões, refletir sobre o fenômeno estudado e propor direções para investigações futuras.

Quanto à abordagem, a pesquisa foi qualitativa, uma vez que o objetivo principal era compreender as experiências, percepções e significados atribuídos pelos profissionais da saúde sobre a formação contínua em suas práticas diárias. Optou-se por uma abordagem qualitativa devido à natureza subjetiva e complexa do fenômeno, que exige uma análise mais profunda e contextualizada, centrada nas vivências dos indivíduos. A pesquisa qualitativa permite que se explorem as motivações, desafios e benefícios de maneira mais detalhada, proporcionando um panorama mais amplo da realidade dos profissionais de UTI.

A amostra da pesquisa foi composta por vinte profissionais que atuam em uma UTI de um hospital de grande porte. A seleção dos participantes foi feita por conveniência, ou seja, os profissionais foram escolhidos de forma não probabilística, levando em consideração aqueles que estavam disponíveis e dispostos a participar da pesquisa no momento da coleta de dados. Essa abordagem foi adotada devido às limitações de tempo e ao acesso direto à equipe de profissionais da unidade, sendo a amostra representativa de um grupo de profissionais que variavam em experiência, formação e especialização.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de entrevistas em profundidade, uma técnica qualitativa eficaz para obter dados detalhados e compreensivos sobre o tema em questão. As entrevistas foram conduzidas de forma semi-estruturada, permitindo que os participantes expressassem suas opiniões, vivências e percepções de maneira livre, mas ao mesmo tempo guiada por um roteiro de questões que abordavam os principais aspectos da formação contínua, como a frequência, a aplicabilidade e os impactos percebidos na prática profissional. A aplicação das entrevistas em profundidade proporcionou uma riqueza de informações que foi essencial para a análise dos dados.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica da análise do discurso, que permite compreender as mensagens implícitas nas falas dos participantes e como esses profissionais constroem seus significados sobre a formação contínua. A análise do discurso considera não apenas o conteúdo explícito das respostas, mas também o contexto, os valores, as crenças e as relações de poder que permeiam as narrativas dos profissionais. A partir dessa técnica, foi possível identificar padrões e temas recorrentes, assim como divergências nas percepções dos participantes, fornecendo uma visão abrangente sobre os impactos e desafios da formação contínua nas UTIs.

III. Resultados E Discussões

Os resultados da pesquisa revelaram uma série de percepções sobre a formação contínua entre os profissionais que atuam nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI), abordando tanto os benefícios quanto os desafios dessa prática no cotidiano desses trabalhadores da saúde. A análise das entrevistas destacou, principalmente, a importância da formação para a atualização das práticas clínicas, o aprimoramento da qualidade do atendimento e o impacto na segurança do paciente.

De acordo com os respondentes E3 e E7, a formação contínua é fundamental para garantir que os profissionais estejam atualizados com as mais recentes inovações no campo da saúde e aptos a lidar com os desafios diários de um ambiente de alta complexidade como a UTI. E3 afirmou: “A UTI é um ambiente que muda muito rápido, novos tratamentos, novas tecnologias, então, sem atualização, não dá para oferecer um cuidado de qualidade aos pacientes.” E7, por sua vez, complementou: “A formação constante é a chave para garantir que o profissional esteja pronto para qualquer situação que apareça. O que aprendi na faculdade não é suficiente, precisamos estar sempre atualizando nossos conhecimentos.” Esses depoimentos destacam a percepção de que, no contexto da UTI, a educação contínua é essencial para a manutenção de uma prática profissional de excelência.

Por outro lado, um dos maiores obstáculos enfrentados pelos profissionais para participar de programas de formação contínua é a intensa carga de trabalho associada ao ambiente da UTI. Muitos entrevistados mencionaram a dificuldade de conciliar os horários de plantão com a necessidade de atualização constante. E4 relatou: “A carga de trabalho na UTI é enorme. São turnos longos, plantões pesados e, muitas vezes, falta tempo para participar de cursos ou treinamentos. A formação contínua acaba ficando em segundo plano.” E5 compartilhou uma experiência semelhante, dizendo: “Mesmo quando queremos fazer um curso, a rotina dentro da UTI não dá brecha para isso. Acabamos priorizando o cuidado imediato aos pacientes.” Esses relatos evidenciam o desafio de encontrar tempo para a qualificação profissional diante da demanda constante e da pressão do ambiente de trabalho.

Uma solução que muitos entrevistados apontaram foi a educação à distância, que se mostrou uma alternativa viável para garantir a formação contínua sem a necessidade de afastamento das atividades diárias. E9

facilita muito. Sem isso, acho que não conseguiria me atualizar.” E2 também destacou a flexibilidade proporcionada pelos cursos online, comentando: “A educação à distância proporciona flexibilidade, o que é fundamental para nós, que não conseguimos parar de trabalhar para fazer cursos presenciais.”

A flexibilidade de poder realizar os cursos em horários mais convenientes tem sido vista como uma das principais vantagens da educação à distância, permitindo que os profissionais se atualizem sem prejudicar o atendimento aos pacientes. Embora a formação teórica seja uma parte importante do aprendizado contínuo, vários participantes destacaram que a experiência prática é crucial para a aplicação efetiva dos conhecimentos adquiridos. E6 afirmou: “Saber sobre a teoria é ótimo, mas é na prática que vemos como as coisas realmente funcionam. A teoria, por si só, não prepara a gente para a pressão e a urgência de uma UTI.” E10, por sua vez, comentou: “Os cursos que oferecem simulações de situações reais são os mais proveitosos. É quando você coloca a mão na massa que aprende de verdade.” Essa percepção é compartilhada por outros profissionais, que indicam que o aprendizado prático, com base em cenários reais ou simulados, é essencial para preparar os profissionais para os desafios enfrentados no ambiente de UTI.

Outro aspecto destacado foi a evolução constante das tecnologias médicas, que exigem um treinamento contínuo para que os profissionais possam operar equipamentos modernos e aplicar os mais recentes tratamentos de forma eficaz. E8 relatou: “Os equipamentos que usamos são altamente tecnológicos, e a cada mês surgem novos. Se não tivermos treinamento adequado, podemos comprometer a segurança do paciente.” E12 complementou: “Tivemos que aprender a manusear novos ventiladores mecânicos e sistemas de monitoramento. O treinamento específico para essas tecnologias foi essencial para melhorar nosso desempenho e garantir a segurança do paciente.” Esses relatos indicam que, para garantir um atendimento de alta qualidade, os profissionais precisam estar constantemente atualizados em relação às novas tecnologias e procedimentos médicos.

Além das competências técnicas, alguns participantes também destacaram a necessidade de formação em habilidades interpessoais, especialmente no que diz respeito à comunicação com pacientes e familiares em situações de alta tensão emocional. E1 relatou: “Fazemos muitas vezes decisões difíceis, como falar para os familiares que o paciente não tem mais chances. A comunicação é um grande desafio. Acho que deveríamos ter mais treinamentos sobre como lidar com essas situações emocionalmente intensas.” E7 também enfatizou: “A gente aprende muito sobre a parte técnica, mas a comunicação com os familiares, que estão em desespero, muitas vezes é o que faz a diferença.”

Esses depoimentos sugerem que a formação contínua nas UTIs deve contemplar também o desenvolvimento de competências emocionais e comunicativas, que são cruciais no manejo de situações difíceis. Em relação à eficácia dos cursos de atualização, os participantes apresentaram opiniões mistas. Alguns consideraram que os cursos são úteis, mas apontaram que muitas vezes não são suficientemente focados nas necessidades específicas dos profissionais de UTI. E3 afirmou: “Os cursos que fiz são bons, mas acredito que faltam mais focos nas necessidades específicas de cada área da UTI. Não dá para tratar todo mundo da mesma forma.” E5 concordou, destacando: “Os cursos são bons, mas muitas vezes sinto que a carga teórica é excessiva, quando o que realmente precisamos é de uma abordagem mais prática e focada em problemas do dia a dia.” Esses relatos sugerem que a personalização e o foco prático nos cursos de atualização são aspectos importantes para que a formação seja mais eficaz e alinhada às necessidades do ambiente da UTI.

A segurança do paciente foi outro tema frequentemente mencionado. Muitos entrevistados associaram a formação contínua à redução de erros médicos e ao aumento da confiança no manejo dos pacientes. E9 destacou: “Quando a gente está bem preparado, se sente mais seguro para fazer as intervenções. Isso reflete diretamente na segurança do paciente.” E4 concordou, afirmando: “A formação contínua ajuda a prevenir erros, porque nos mantém atualizados e mais conscientes sobre os protocolos e as melhores práticas. Isso faz toda a diferença na hora de tomar decisões rápidas.” Esses depoimentos indicam que a educação contínua tem um impacto direto não só no desempenho técnico dos profissionais, mas também na qualidade do atendimento e na segurança dos pacientes.

Além dos benefícios técnicos e práticos, muitos participantes relataram que a participação em programas de formação contínua aumentou sua motivação e satisfação profissional. E11 relatou: “Quando vejo que estou aprendendo algo novo, isso me motiva a melhorar a cada dia. A sensação de estar me desenvolvendo e contribuindo para o bem-estar dos pacientes é gratificante.” E6 também ressaltou: “Acredito que o aprendizado contínuo traz mais confiança. Quando você sente que está preparado, se sente mais capaz, e isso reflete na qualidade do seu trabalho.” Essas respostas indicam que a formação contínua não só melhora as habilidades dos profissionais, mas também contribui para o seu bem-estar emocional e profissional. A instituição de saúde desempenha um papel fundamental na viabilização da formação contínua.

Muitos entrevistados mencionaram que o apoio da gestão hospitalar é crucial para o sucesso de programas de capacitação. E10 afirmou: “A administração do hospital tem um papel importante nisso. Se não tivermos o apoio deles para participar de cursos, é difícil. Precisamos de incentivo para nos qualificarmos.” E8 também

ressaltou a importância desse apoio institucional: “Infelizmente, nem sempre a instituição oferece essas oportunidades. Quando temos apoio, conseguimos crescer como profissionais, mas quando não há esse suporte,

acabamos ficando estagnados.” Esses relatos indicam que o investimento das instituições de saúde em programas de educação contínua é essencial para garantir o desenvolvimento constante dos profissionais.

Apesar da importância da formação contínua, a falta de tempo continua sendo uma barreira significativa. E7 comentou: “É um paradoxo: a UTI é onde mais precisamos de qualificação contínua, mas é também onde menos conseguimos encontrar tempo para isso.” E5 concordou: “Nós, como equipe, sabemos da importância da formação, mas as escalas e a rotina não nos permitem um tempo adequado para estudar e praticar o que aprendemos.” Isso reflete a realidade de muitos profissionais de UTI, que enfrentam desafios em termos de gestão de tempo para buscar a qualificação necessária.

Finalmente, muitos entrevistados destacaram o impacto emocional positivo da formação contínua. E12 afirmou: “As formações que nos ajudam a lidar com o estresse e a pressão da UTI são fundamentais. A gente se sente mais preparado para os desafios do cotidiano.” E9 também mencionou: “A formação é importante para nos mantermos tranquilos em situações de alta pressão. Quando estamos bem preparados, o emocional também fica mais equilibrado.” Esses depoimentos indicam que a formação contínua também tem um papel importante no suporte psicológico dos profissionais, ajudando-os a lidar com a pressão emocional do trabalho na UTI.

A dinâmica de trabalho em equipe também foi mencionada por vários participantes como um aspecto positivo da formação contínua. E2 relatou: “Quando aprendemos juntos, ficamos mais alinhados. A formação contínua nos dá uma linguagem comum e melhora a integração da equipe.” Esse tipo de feedback destaca como a formação não só melhora as competências individuais, mas também contribui para uma maior coesão e eficiência dentro da equipe de saúde.

IV. Conclusão

A pesquisa realizada sobre a formação contínua dos profissionais de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) revelou que, embora a formação seja reconhecida como fundamental para a melhoria das práticas clínicas e a segurança dos pacientes, existem desafios significativos para a sua implementação no cotidiano desses profissionais. A necessidade constante de atualização, especialmente diante dos avanços tecnológicos e das mudanças nas práticas médicas, foi amplamente reconhecida pelos participantes, que destacaram a importância da formação contínua para garantir um cuidado de qualidade e eficaz aos pacientes. No entanto, a intensa carga de trabalho e a falta de tempo para se dedicar à qualificação contínua foram apontadas como barreiras importantes para o aprimoramento profissional.

A pesquisa também indicou que a flexibilidade proporcionada pelos programas de educação à distância tem se mostrado uma solução viável para muitos profissionais, permitindo-lhes conciliar os estudos com a rotina exigente da UTI. No entanto, ainda há uma percepção de que os cursos existentes, muitas vezes, não atendem plenamente às necessidades práticas do ambiente da UTI, especialmente no que se refere à aplicação de conhecimentos técnicos e habilidades interpessoais, como a comunicação com pacientes e familiares em situações críticas.

Outro ponto crucial identificado foi a relação direta entre a formação contínua e a segurança do paciente, com os profissionais reconhecendo que a atualização constante dos conhecimentos resulta em decisões mais seguras e no uso adequado das tecnologias médicas, o que, conseqüentemente, melhora o atendimento prestado. Além disso, os resultados mostraram que a formação contínua tem um impacto positivo na motivação e satisfação profissional, proporcionando um sentido de realização e confiança nos profissionais, o que reflete na qualidade do trabalho em equipe e na gestão do estresse e da pressão, características marcantes da rotina em UTI.

A falta de tempo e o apoio institucional foram apontados como fatores decisivos para a participação dos profissionais nos programas de qualificação. A pesquisa demonstrou que, sem o suporte adequado das instituições de saúde, seja por meio de horários flexíveis ou incentivo a participação em cursos, a implementação da formação contínua fica comprometida. Portanto, as instituições de saúde têm um papel fundamental em garantir que seus profissionais tenham acesso às oportunidades de educação contínua, considerando a relevância dessa prática não só para o desenvolvimento do profissional, mas também para a melhoria contínua da qualidade do atendimento ao paciente.

Em termos gerais, os resultados evidenciam que, para que a formação contínua seja realmente eficaz, ela precisa ser integrada de forma mais estratégica ao cotidiano dos profissionais de UTI, com foco em abordagens práticas, adequação ao tempo disponível dos trabalhadores e maior personalização dos cursos. Além disso, a colaboração entre instituições de ensino e unidades de saúde é essencial para que a formação se torne uma ferramenta poderosa para o aprimoramento da assistência e para a saúde dos próprios profissionais. Essa pesquisa contribui para o entendimento dos desafios e das oportunidades na implementação da formação contínua em UTIs e oferece um ponto de partida para futuras investigações e melhorias nas práticas educacionais no setor da saúde.

Referências

- [2] Godoy, S. C. B; Guimarães, E. M. P. & Assis, D. S. S. Avaliação Da Capacitação Dos Enfermeiros Em Unidades Básicas De Saúde Por Meio Da Telenfermagem. Esc. Anna Nery, Rio De Janeiro, V.18, N.1, P. 148-155, 2014.
- [3] Menezes, A. P. R. Et Al. O Futuro Do Sus: Impactos Das Reformas Neoliberais Na Saúde Pública – Austeridade Versus Universalidade. Saúde Debate, 2019.
- [4] Silva, R C. S.; Rodrigues, J.; Nunes, N. A. H.. Parada Cardiorrespiratória E Educação Continuada Em Unidade De Terapia Intensiva. Revista De Ciências Médicas, [S. L.], V. 25, N. 3, P. 129–134, 2017.
- [5] Souza, L. P.; Lima, M. G. Educação Continuada Em Unidade De Terapia Intensiva: Revisão Da Literatura. J. Health Biol Sci. 2015; 3(1):39-45, 2015.